# A fenomenologia e a guinada transcendental\* - 04/10/2015

A fenomenologia visava investigar as condições subjetivas que tornavam  
possível o conhecimento e a experiência em geral. Mas se, de início, Husserl  
propusera a filosofia noética que partia da redução eidética, depois entraria  
em questão a temática transcendental que baseava sua análise na evidência  
intuitiva e não somente em restrições lógicas que às vezes não se compreende.  
Se, antes, tratava-se de passar da experiência para seus condicionantes  
formais, um novo método, da redução fenomenológica, modifica a experiência  
revelando nela a camada fenomenal constituinte e, através da \_epoché\_ haveria  
a suspensão da validade objetiva existencial que é atribuída a toda a  
experiência. Assim, a experiência se daria de duas maneiras: a experiência  
natural, que é a habitual, estaria voltada os objetos a maior parte do tempo e  
a experiência transcendental que, pelo método da redução fenomenológica  
modificaria aquela experiência natural e buscaria o núcleo fenomenal em  
qualquer experiência, um núcleo de evidência absoluta.  
  
Portanto, o transcendental não seria um domínio de formas abstratas, ao qual  
se chegaria ao abandonar a experiência; ele se trataria de um modo próprio da  
experiência, reduzindo-a ao seu núcleo fenomenal fundante. Para fazer  
filosofia deveria se modificar a experiência natural voltada para os objetos e  
suspender a validade das crenças pela redução: restaria o puro fenômeno,  
intuitivo. Se a experiência epistemológica já suporia o objeto, a experiência  
transcendental deveria modificá-la para esclarecer a condição de possibilidade  
epistemológica. Na filosofia transcendental de Husserl, não falamos de ser,  
falamos do que aparece como fenômeno: um lado do ser, a experiência  
transcendental é composta de faces, que são o núcleo da percepção visual. A  
redução fenomenológica busca o núcleo evidente de certeza dentro das camadas  
confusas da experiência.  
  
Inicialmente, Husserl considerava que o eu tinha que ser objetivado em sentido  
mínimo, o eu tinha que ter algum tipo de conteúdo, deveria poder ser tema,  
senão não se poderia falar dele, referir-se a ele, constatá-lo, deveria se  
supor um caminho intuitivo para que se pudesse atestar o eu, não como ficção  
linguística. Do que se depreendia a incapacidade de intuí-lo, apreendê-lo,  
como centro de referência idêntico, como um eu puro, porque seria difícil  
encontrá-lo além das vivências particulares. Só seria possível trazer à  
intuição o eu empírico no fluxo de experiências, e não como polo unificador.  
Na reflexão apareceria o eu em relação às suas vivências e objetos; o eu se  
reduziria à unidade do fluxo fenomenológico.  
  
Na vivência (irrefletida) a consciência estaria absorvida em seus polos  
objetivos e não apareceria um eu; esse somente surgiria pela modificação  
reflexiva. Na vivência irrefletida a consciência estaria absorvida em sua  
relação com os objetos intencionais que ela faria aparecer e não haveria algo  
como um eu coordenando essa experiência. Para surgir o eu, teríamos que pensar  
nele, voltar-se sobre aquela vivência irrefletida. Portanto haveria um eu  
fraco como unidade de todas as vivências, uma unidade de fluxo, esse eu  
estaria dissolvido na unidade das vivências entrelaçadas. Então a reflexão  
modificaria o irrefletido e tenderia a atribuir um eu. A reflexão também teria  
uma vivência com sensações e ações, mas a alteraria para fazer aparecer um eu.  
Mas, de acordo com Husserl (e Hume), para haver fluxo de experiência não seria  
preciso do eu, elas seriam por elas só. Portanto, o eu fenomenológico não  
seria senão a unidade contínua das vivências da consciência, o eu não seria o  
ponto diferente das vivências.  
  
Mas, a partir da guinada transcendental, Husserl defenderia o oposto: haveria  
um eu puro. A fenomenologia transcendental defendera a tesa que a filosofia  
seria a passagem entre duas orientações do pensamento entre as quais a  
experiência é vivida: a orientação na natural (que não teria eu) e a  
orientação fenomenológico-transcendental, modificação da experiência natural.  
A orientação natural se voltaria para a experiência cotidiana, semelhante  
àquela das ciências e da verdade dos juízos, visando o mundo real, concreto.  
Seria uma interpretação ingênua e objetiva, voltada para as coisas que  
aparecem. Para fazer filosofia, seria necessária uma interpretação  
antinatural, que rompesse com o modo natural de fazer ciência. Pela \_epoché\_ ,  
suspender-se-ia o ser das coisas e situações transcendentes, reduzindo a  
experiência ao seu núcleo fenomenal evidente. Seria suspendendo-se o ser que  
se iria para o modo do vivenciar que tornaria visível o âmbito fenomenal.  
  
O eu puro seria tema da fenomenologia a partir da redução fenomenológica da  
orientação natural em três passos: ao partir de da descrição pessoal da  
orientação natural do pensar (de dentro), haveria uma sistematização teórica  
da tese de orientação natural, para a exposição da \_epoché\_. A reflexão  
natural (sem \_epoché\_) seria uma descrição da orientação natural por  
orientação simples: seria um discurso em primeira pessoa que cada um poderia  
fazer. Então, não haveria uma descrição do mundo, esse seria apresentado como  
uma narrativa do eu e não abstraída. Essa narrativa respeitava que a  
experiência comum seria pessoal e distinta dos eventos narrados, esse discurso  
remeteria a um eu. O que esse eu natural narraria? Em um discurso ingênuo,  
narraria que apareceria para o eu natural o mundo (material e cultural) como  
já dado, o eu se relacionaria e se adaptaria a ele. O que valesse para o  
narrador valeria para todos os outros eus-sujeitos, haveria uma validade  
intersubjetiva da experiência porque seria o mesmo mundo com existência  
pressuposto por todos. O \_cogito\_ seria o conjunto de atos e estados  
subjetivos por meio dos quais a experiência natural seria vivida e ele poderia  
ser irrefletido nas vivências. O sujeito voltar-se-ia sobre si e narraria suas  
experiências, narraria o cogito e atos subjetivos e aí surgiria o eu: eu faria  
isso, eu faria aquilo... a orientação natural seria experimentada de forma  
egológica marcante, de forma personalizada.  
  
A partir da orientação natural, Husserl isolaria um componente da narrativa: a  
tese ou posição de ser acerca dos polos objetivos que apareceriam e um dos  
seus componentes mais gerais: a crença na efetividade do mundo natural e de  
seus modos de ser (isso é, isso não é...). Então ele tiraria de ação essa tese  
e apresentaria a suspensão da validade da posição de ser. A \_epoché\_ que  
suspenderia a orientação natural faria aparecer puros fenômenos sem orientação  
de ser e apareceria de modo absolutamente evidente na experiência reduzida um  
eu puro. Esse eu puro seria um polo idêntico de proveniência de atos, sem se  
confundir com nenhum deles poderia ser intuído, esse eu poderia ser tematizado  
como objeto. Portanto, o eu puro estaria ligado ao modo como Husserl  
apresentava a narrativa natural, mas seria um dado da experiência  
transcendental. A experiência reduzida seria fruto de uma modificação da  
experiência natural, a qual seria egológica, narrada do ponto de vista de um  
eu. Ou seja, na experiência natural existe um ego que pressupõe posições de  
ser. Pela \_epoché\_ , a experiência reduzida suspende as posições de ser, mas  
mantém esse ego, mantém a forma narrativa egológica, que passa do natural para  
o transcendental.   
   
\------------------------   
  
\* notas de aula de História da Filosofia Contemporânea, prof. Marcus Sacrini (primeiro semestre/2015).